

Caesb prevê início da despoluição para 93

Para a Companhia de Água e Esgotos do Distrito Federal (Caesb), apesar de apresentar em alguns pontos uma quantidade de coliformes fecais 1 mil 600 vezes maior que o estabelecido pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente, o Lago Paranoá está longe de ser comparado, por exemplo, ao rio Guaiába, que só pode ser apreciado com os olhos. A possibilidade de ter suas águas impróprias até para peixe como ocorre com o Guaiába e o Tietê, em São Paulo, ficará ainda mais distante dentro de três anos, prazo previsto por técnicos da Caesb para a despoluição do Paranoá.

Os primeiros sinais de despoluição, segundo o superintendente de Operações e Tratamento de Esgotos da Caesb, Klaus Dieter Nader, poderão ser sentidos daqui a pouco mais de um ano, quando as duas novas estações de tratamento terão completado seis

meses de operação. As duas estações — em fase final de construção —, somadas às duas antigas deverão, de acordo com Nader, atender a uma população de um milhão e cem mil habitantes.

Para a Caesb, quando as duas novas estações entrarem em operação e iniciarem o tratamento dos quase 70 mil metros cúbicos de esgoto *in natura* jogados em suas águas, o Lago Paranoá iniciará uma renovação natural, um processo de autodepuração.

“Aos poucos os elementos orgânicos da poluição começarão a ser dissolvidos”, explica Klaus Nader. “As plantas aquáticas e algas irão desaparecer e dentro de três anos ele estará despoluído”, prevê.

Klaus Nader adverte, porém, que a despoluição do lago vai depender do crescimento das localidades abastecidas pela bacia do Paranoá.

Aqui, a balneabilidade

